

PLANO DE AULA

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO DE INFÂNCIA E JUVENTUDE
SETOR DE PLANEJAMENTO
PLANO DE AULA N.º 7
2º CICLO DE JUVENTUDE (18 A 21 ANOS)

V UNIDADE: O ESPIRITISMO

SUBUNIDADE: PRINCÍPIOS BÁSICOS DA DOUTRINA
ESPIRITA: LEI DE CAUSA E EFEITO E
LIVRE-ARBITRÍO

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
<ul style="list-style-type: none"> * Conceituar: Causa e efeito, Livre-Arbitrio, Liberdade, Fatalidade, Despertino, segundo a Doutrina Espírita. * Interpretar exemplos de funcionamento da lei de causa e efeito. 	<p>* "(...) A alma é criada para a felicidade, mas, para poder apreciar essa felicidade, para conhecer-lhe o justo valor, deve conquistá-la por si própria e, para isso, precisa desenvolver as potências encerradas em seu íntimo. Sua liberdade de ação e sua responsabilidade aumentam com a própria elevação, porque, quanto mais se esclarece, mais pode e deve conformar o exercício de suas forças pessoais com as leis que regem o Universo. (...) (3)</p> <p>* "(...) Nossos atos tecem asas de libertação ou algemas de cativo, para a nossa vitória ou nossa perda. A ninguém devemos o destino senão a nós próprios. (...) (35)</p> <p>* "— Da justiça ninguém fugirá, mesmo porque a nossa consciência, em acordando</p>	<p>* Antes da aula, escrever no quadro de giz: Causa e Efeito, Livre-Arbitrio, Liberdade, Fatalidade, Despertino.</p> <p>* Iniciar a aula solicitando aos jovens que, numa Explosão de Ideias, emitam conceitos sobre as palavras escritas no quadro de giz.</p> <p>* Ouvir, atentamente, os conceitos emitidos pelos jovens, sem fazer comentários.</p> <p>* Propor a seguir um estudo em grupo, dividindo os alunos e distribuindo os textos escolhidos, sobre lei de causa e efeito e livre-arbitrio. Anexo 1</p> <p>* Ao término do estudo ouvir as apresentações dos grupos sem comentários.</p> <p>* Dando seqüência, apresentar em cartaz, os conceitos sobre o tema e pedir aos alunos que compare-os com as respostas dadas no trabalho em grupo. Anexo 2</p>	<p>* Falar e escrever no quadro de giz conceitos sobre as palavras sugeridas pelo evangelizador.</p> <p>* Aceitar a proposta para os trabalhos em grupo.</p> <p>* Ler e discutir os textos. Responder as questões solicitadas.</p> <p>* Apresentar as conclusões do grupo.</p> <p>* Analisar os conceitos apresentados no cartaz e realizar as comparações.</p>	<p>TÉCNICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> * Exposição de idéias. * Estudo em grupo. * Estudo de casos. <p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> * Roteiro de estudo e textos. * Cartazes. * Papel e lápis. * Quadro de anotações.

AVALIAÇÃO: A AULA SERÁ CONSIDERADA SATISFATÓRIA SE OS ALUNOS COMPLETAREM COM PROVEITO O ROTEIRO DE ESTUDOS E INTERPRETAREM OS CASOS DE FUNCIONAMENTO DA LEI DE CAUSA E EFEITO COM CORREÇÃO.

CONT. DO PLANO DE AULA Nº. 7 DA V UNIDADE: O ESPIRITISMO			2º CICLO DE JUVENTUDE	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
	para a santidade da vida, aspira resgatar dignamente todos os débitos de que se onerou perante a Bondade de Deus; entretanto, o Amor Infinito do Pai Celeste brilha em todos os processos de reajuste. (35)	<ul style="list-style-type: none"> * Ouvir as falas dos alunos fazendo os comentários necessários. * Complementar a aula propondo o Estudo de Casos para análise e discussão em grupo. Anexo 3 * Solicitar que os evangelizando exponham suas conclusões. Ouví-las, atentamente, para possíveis correções. * A seguir, repassar os conceitos principais da aula, encerrando-a com uma prece. 	<ul style="list-style-type: none"> * Fazer os comentários sobre os conceitos. * Distribuir-se em grupos de no máximo 6 pessoas. Ler os textos, discutir as avaliações. Anotar as mais corretas, segundo os ensinamentos do Espiritismo. * Expor as conclusões dos grupos. Discutir possíveis contravérsias. 	

ANEXO 1

V UNIDADE: O ESPIRITISMO
2º CICLO DE JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 7

Textos para Estudo

Roteiro para Estudo em grupo:

1. Ler, com atenção, o texto. (Cada grupo lerá um Texto)
2. Após a leitura, conceituar: Liberdade, Destino, Fatalidade, Livre-arbítrio e Causa e Efeito. (Cada grupo conceituará uma idéia)
3. Após chegar ao consenso sobre o conceito, escrever as idéias.
4. Falar para o grande grupo os conceitos estudados.
5. Compará-los com os conceitos emitidos anteriormente na Explosão de Idéias.

Texto 1 - Da Lei de Liberdade

Resumo teórico do móvel das ações humanas

A questão do livre-arbítrio se pode resumir assim: O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por prova e por expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir. Assim, o livre-arbítrio existe para ele, quando no estado de Espírito, ao fazer a escolha da existência e das provas e, como encarnado, na faculdade de ceder ou de residir aos arrastamentos a que todos nos temos voluntariamente submetido. Cabe à educação combater essas más tendências. Fá-lo-á utilmente, quando se basear no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento pela higiene.

Desprendido da matéria e no estado de erraticidade, o Espírito procede à escolha de suas futuras existências corporais, de acordo com o grau de perfeição a que haja chegado e é nisto, como temos dito, que consiste sobretudo o seu livre-arbítrio. Esta liberdade, a encarnação não a anula. Se ele cede à influência da matéria, é que sucumbe nas provas que por si mesmo escolheu. Para ter quem o ajude a vencê-las, concedido lhe é invocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos.

Sem o livre-arbítrio, o homem não teria nem culpa por praticar o mal, nem mérito em praticar o bem. E isto a tal ponto está reconhecido que, no mundo, a censura ou o elogio são feitos à intenção, isto é, à vontade. Ora, quem diz vontade diz liberdade. Nenhuma desculpa poderá, portanto, o homem buscar, para os seus delitos, na sua organização física, sem abdicar da razão e da sua condição de ser humano, para se equiparar ao bruto. Se fora assim quanto ao mal, assim não poderia deixar de ser relativamente ao bem. Mas, quando o homem pratica o bem, tem grande cuidado de averbar o fato à sua conta, como mérito, e não cogita de por ele gratificar os seus órgãos, o que prova que, por instinto, não renuncia, mau grado à opinião de alguns sistemáticos, ao mais belo privilégio de sua espécie: a liberdade de pensar. (Questão 872 de O Livro dos Espíritos)

Texto 2 – Da Fatalidade

(...) A fatalidade, como vulgarmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os sucessos da vida, qualquer que seja a importância deles. Se tal fosse a ordem as coisas, o homem seria qual máquina sem vontade. De que lhe serviria a inteligência, desde que houvesse de estar invariavelmente dominado, em todos os seus atos, pela força do destino? Semelhante doutrina, se verdadeira, conteria a destruição de toda liberdade moral; já não haveria para o homem responsabilidade, nem, por conseguinte, bem, nem mal, crimes ou virtudes. Não seria possível que Deus, soberanamente justo, castigasse suas criaturas por faltas cujo cometimento não dependera delas, nem que as recompensasse por virtudes de que nenhum mérito teriam. Demais, tal lei seria a negação da do progresso, porquanto o homem, tudo esperando da sorte, nada tentaria para melhorar a sua posição, visto que não conseguiria ser mais nem menos.

Contudo, a fatalidade não é uma palavra vã. Existe na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí desempenha, em consequência do gênero de vida que seu Espírito escolheu como prova, expiação ou missão. Ele sofre fatalmente todas as vicissitudes dessa existência e todas as tendências boas ou más, que lhe são inerentes. Aí, porém, acaba a fatalidade, pois da sua vontade depende ceder ou não a essas tendências. Os pormenores dos acontecimentos, esses ficam subordinados às circunstâncias que ele próprio cria pelos seus atos, sendo que nessas circunstâncias podem os Espíritos influir pelos pensamentos que surgiram.

Há fatalidade, portanto, nos acontecimentos que se apresentam, por serem estes consequência da escolha que o Espírito fez da sua existência de homem. Pode deixar de haver fatalidade no resultado de tais acontecimentos, visto ser possível ao homem, pela sua prudência, modificar-lhes o curso. Nunca há fatalidade nos atos da vida moral.

No concerne à morte é que o homem se acha submetido, em absoluto, à inexorável lei da fatalidade, por isso que não pode escapar à sentença que lhe marca o termo da existência, nem ao gênero de morte que haja de cortar a esta o fio.

Segundo a doutrina vulgar, de si mesmo tiraria o homem todos os seus instintos, que, então, proviriam, ou da sua organização física, pela qual nenhuma responsabilidade lhe toca, ou da sua própria natureza, caso em que lícito lhe fora procurar desculpar-se consigo mesmo, dizendo não lhe pertencer a culpa de ser feito como é. Muito mais moral se mostra, indiscutivelmente, a Doutrina Espírita. Ela admite no homem o livre-arbítrio em toda a sua plenitude e, se lhe diz que, praticando o mal, ele cede a uma sugestão estranha e má, em nada lhe diminui a responsabilidade, pois lhe reconhece o poder de resistir, o que evidentemente lhe é muito mais fácil do que lutar contra a sua própria natureza. Assim, de acordo com a Doutrina Espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre cerrar ouvidos à voz oculta que lhe fala no íntimo, induzindo-o ao mal, como pode cerrá-los à voz material daquele que lhe fale ostensivamente. Pode-o pela ação da sua vontade, pedindo a Deus a força necessária e reclamando, para tal fim, a assistência dos bons Espíritos. Foi o que Jesus nos ensinou por meio da sublime prece que é a Oração dominical, quando manda que digamos: “Não nos deixes sucumbir à tentação, mas livra-nos do mal.”

Essa teoria da causa determinante dos nossos atos ressalta com evidência de todo o ensino que os Espíritos hão dado. Não só é sublime de moralidade, mas também, acrescentaremos, eleva o homem aos seus próprios olhos. Mostra-o livre de subtrair-se a um jugo obsessivo, como livre é de fechar sua casa aos importunos. Ele deixa de ser simples máquina, atuando por efeito de uma impulsão independente da sua vontade, para ser um ente racional, que ouve, julga e escolhe livremente de dois

conselhos um. Aditemos que, apesar disto, o homem não se acha privado de iniciativa, não deixa de agir por impulso próprio, pois que, em definitiva, ele é apenas um Espírito encarnado que conserva, sob o envoltório corporal, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito.

Conseqüentemente, as faltas que cometemos têm pôr fonte primária a imperfeição do nosso próprio Espírito, que ainda não conquistou a superioridade moral que um dia alcançará, mas que, nem por isso, carece de livre-arbítrio. A vida corpórea lhe é dada para se expungir de suas imperfeições, mediante as provas por que passa, imperfeições que, precisamente, o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, que delas se aproveitam para tentar fazê-la sucumbir na luta em que se empenhou. Se dessa luta sai vencedor, ele se eleva; se fracassa, permanece o que era, nem pior, nem melhor. Será uma prova que lhe cumpre recomeçar, podendo suceder que longo tempo gaste nessa alternativa. Quanto mais se depura, tanto mais diminuem os seus pontos fracos e tanto menos acesso oferece aos que procurem atraí-lo para o mal. Na razão de sua elevação, cresce-lhe a força moral, fazendo que dele se afastem os maus Espíritos.

Todos os Espíritos, mais ou menos bons, quando encarnados, constituem a espécie humana e, como o nosso mundo é um dos menos adiantados, nele se conta maior número de Espíritos maus do que de bons. Tal a razão por que aí vemos tanta perversidade. Façamos, pois, todos os esforços para a este planeta não voltarmos, após a presente estada, e para merecermos ir repousar em mundo melhor, em um desses mundos privilegiados, onde não nos lembraremos da nossa passagem por aqui, senão como de um exílio temporário. (2) (Questão 872 de O Livro dos Espíritos)

Texto 3 – Do Destino

(...) Pelo uso do seu livre-arbítrio, a alma fixa o próprio destino, prepara as suas alegrias ou dores. Jamais, porém, no curso de sua marcha — na provação amargurada ou no seio das luta ardente das paixões —, lhe será negado o socorro divino. Nunca deve esmorecer, pois, por mais indigna que se julgue; desde que em si desperta a vontade de voltar ao bom caminho, à estrada sagrada, a Providência dar-lhe-á auxílio e proteção.

A Providência é o espírito superior, é o anjo velando sobre o infortúnio, é o Consolador invisível, cujas inspirações requerem o coração gelado pelo desespero, cujos fluidos vivificantes sustentam o viajor prostrado pela fadiga; é o farol aceso no meio da noite, para a salvação dos que erram sobre o mar tempestuoso da vida. A Providência é, ainda principalmente, o amor divino derramando-se a flux suas criaturas. Que solicitude, que previdência nesse amor! Não foi para a alma somente, para modelar a sua vida e servir de cenário aos seus progressos, que ela suspendeu os mundos no espaço, inflamou os sóis, preparou os continentes e formou os mares? Só para a alma toda essa grande obra foi executada, só para ela é que forças naturais combinam-se e universos desabrocham no seio das nebulosas.

A alma é criada para a felicidade, mas, para poder apreciar essa felicidade, para conhecer-lhe o justo valor, deve conquistá-la por si própria e, para isso, precisa desenvolver as potências encerradas em seu íntimo. Sua liberdade de ação e sua responsabilidade aumentam com a própria elevação, porque, quanto mais se esclarece, mais pode e deve conformar o exercício de suas forças pessoais com as leis que regem o Universo.

A liberdade do ser se exerce, portanto, dentro de um círculo limitado: de um lado, pelas exigências da lei natural, que não pode sofrer alteração alguma e mesmo nenhum desarranjo na ordem do mundo; de outro, por seu próprio passado, cujas conseqüências lhe refluem através dos tempos, até à completa reparação. Em caso algum o exercício da liberdade humana pode obstar à execução dos planos divinos; do contrário, a ordem das coisas seria a cada instante perturbada. Acima de nossas percepções limitadas e variáveis, a ordem imutável do Universo prossegue e mantém-se. Quase sempre julgamos um mal aquilo que para nós é o verdadeiro bem. Se a ordem natural das coisas tivesse de amoldar-se aos nossos desejos, que horríveis alterações daí não resultariam?

O primeiro uso que o homem fizesse da liberdade absoluta seria para afastar de si as causas de sofrimento e para se assegurar, desde logo, uma vida de felicidade. Ora, se há males que a inteligência humana tem o dever de conjurar, de destruir — por exemplo, os que são provenientes da condição terrestre —, outros há, inerentes à nossa natureza moral, que somente dor e compressão podem vencer; tais são os vícios. Nestes casos, torna-se a dor uma escola, ou, antes, um remédio indispensável: as provas sofridas não são mais que distribuição equitativa da justiça infalível. Portanto, é a ignorância dos fins a que Deus visa que nos faz recriminar a ordem do mundo e suas leis. Criticamo-las porque desconhecemos o modo por que se cumprem.

O destino é resultante, através de vidas sucessivas, de nossas próprias ações e livres resoluções. (1)

Texto 4 – Da Lei de Causa e Efeito

(...) No estado de Espírito, quando somos mais esclarecidos sobre as nossas imperfeições e estamos preocupados com os meios de atenuá-las, aceitamos a vida material sob forma e condições que mais nos parecem apropriadas a esse cometimento. A Providência é o espírito superior, é o anjo velando sobre o infortúnio, é o consolador invisível, cujas inspirações reaquecem o coração gelado pelo desespero, cujos fluidos vivificantes sustentam o viajor prostrado pela fadiga; é o farol aceso no meio da noite, para a salvação dos que erram sobre o mar tempestuoso da vida. A Providência é, ainda, principalmente, o amor divino derramando-se a flux sobre suas criaturas.

Os fenômenos do hipnotismo e da sugestão mental explicam-nos o que sucede em tal caso, sob a influência dos nossos protetores espirituais. No estado de sonambulismo, a alma, sob a sugestão do magnetizador, obriga-se a executar tal ou qual ato em um tempo dado. Voltando ao estado de vigília sem haver conservado aparentemente recordação alguma desse compromisso, ela executa, sem discrepância de um ponto, tudo o que havia prometido. Do mesmo modo, o homem não parece ter guardado memória das resoluções tomadas antes de renascer; mas, chegando a ocasião, coloca-se-á ele à frente dos acontecimentos premeditados, a fim de executar a parte que lhe compete e que se torna necessária ao seu progresso e à observância da inevitável lei.

A alma é criada para a felicidade, mas, para poder apreciar essa felicidade, para conhecer-lhe o justo valor, deve conquistá-la por si própria e, para isso, precisa desenvolver as potências encerradas em seu íntimo. Sua liberdade de ação e sua responsabilidade aumentam com a própria elevação, porque, quanto mais se esclarece, mais pode e deve conformar o exercício de suas forças com as leis que regem o Universo.

Texto 5 - Livre-Arbitrio e Providência

A questão do livre-arbitrio é uma das que mais têm preocupado filósofos e teólogos. Conciliar a vontade, a liberdade do homem com o exercício das leis naturais e a vontade divina, afigurava-se tanto mais difícil quanto a fatalidade cega parecia, aos olhos de muitos, pesar sobre o destino humano. O ensino dos Espíritos veio elucidar esse problema. A fatalidade aparente, que semeia males pelo caminho da vida, não é mais que a conseqüência do nosso passado, que um efeito voltado sobre a sua causa; é o complemento do programa que aceitamos antes de renascer, atendendo assim aos conselhos dos nossos guias espirituais, para nosso maior bem e elevação.

Nas camadas inferiores da criação a alma ainda não se conhece. Só o instinto, espécie de fatalidade, a conduz, e só nos seus tipos mais evoluídos é que aparecem, como o despontar da aurora, os primeiros rudimentos das faculdades do homem. Entrando na Humanidade, a alma desperta para a liberdade moral. Seu discernimento e sua consciência desenvolvem-se cada vez mais à proporção que percorre essa nova e imensa jornada. Colocada entre o bem e o mal, compara e escolhe livremente. Esclarecida por suas decepções e seus sofrimentos, é no seio das provas que obtém a experiência e firma a sua estrutura moral.

Dotada de consciência e de liberdade, a alma humana não pode recair na vida inferior, animal. Suas encarnações sucedem-se na escala dos mundos até que ela tenha adquirido os três bens imorredouros, alvo de seus longos trabalhos: a Sabedoria, a Ciência e o Amor, cuja posse liberta-a para sempre, dos renascimentos e da morte, franqueando-lhe o acesso à vida celeste.

A providência é o espírito Superior, é o anjo velando sobre o infortúnio, é o consolador invisível, cujas inspirações reaquecem o coração gelado pelo desespero, cujos fluidos vivificantes sustentam o viajor prostrado pela fadiga; é o farol aceso no meio da noite, para a salvação dos que erram sobre o mar tempestuoso da vida. A Providência é, ainda, principalmente, o amor divino derramando-se a flux sobre suas criaturas. (...)

A alma é criada para a felicidade, para cohecer-lhe o justo valor, deve conquistá-la por si própria e, para isso, precisa desenvolver as potências encerradas em seu íntimo. Sua liberdade de ação e sua responsabilidade aumentam com a própria elevação, porque, quanto mais se esclarece, mais pode e deve conformar o exercício de suas forças pessoais com as leis que regem o Universo. (...) (1)



1. DENIS, Léon. Livre-Arbitrio e Providência. *Depois da Morte*. Trad. de João Lourenço de Souza. 21. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2000. p. 242-245.

2. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. de Guiñon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1998. Perg. 872, p. 398-402.

ANEXO 2

V UNIDADE: O ESPIRITISMO
2º CICLO DE JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 7

Cartazes

Liberdade

“A liberdade é o respeito às leis, da parte de uns, a doçura e a justiça da parte dos outros e, da parte de todos, amparo e apoio recíprocos.” (p. 287)

Livre-Arbitrio

(...) a liberdade de fazer ou não fazer, de seguir este ou aquele caminho para seu adiantamento, o que é um dos atributos essenciais do Espírito. (p. 289)

Destino

(...) O destino, feliz ou desgraçado, é a consequência de nossos atos.” (p. 107)

Lei de Causa e Efeito

(...) Para cada ação (...) há uma reação igual em sentido contrário.” (p. 283)

Fatalidade

“A fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova para sofrer. (...) Falo das provas físicas, pois, pelo que toca às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbitrio quanto ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir.” (p. 202)

Realizar o comentário final comparando as idéias espíritas dos cartazes com as emitidas anteriormente.

ANEXO 3

V UNIDADE: O ESPIRITISMO
2º CICLO DE JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 7

Estudo de Casos

Roteiro para realizar o trabalho:

1. Ler atentamente cada caso.
2. Discutir, no grupo as prováveis causas e os possíveis efeitos de cada caso.
3. Após o consenso do grupo, escrever as conclusões.
4. Expor as conclusões do grupo, explicando-as, se necessário.

Sugestões

Causas prováveis	Casos	Efeitos possíveis
Exemplo: Ansiosa, tensa, com problemas emocionais	1. Maria é muito gulosa. Come muito e a todo momento.	Obesidade e doenças relacionadas ao aumento de peso.
	2. Joana é muito vaidosa. Come pouquíssimo ou quase não se alimenta. Quer ser modelo, como as famosas.	
	3. Mário, estudante de 20 anos, só quer se divertir. Sai muito com amigos para jogar, dançar, ir a Shows.	
	4. Alberto vive fechado em casa. Só quer ficar em frente à tela do computador. Não conversa com amigos e nunca sai para atividades de lazer	
	5. Suzana trapaceia muito. Mentira. Inventar histórias para encobrir seus erros. Joga a responsabilidade para parentes e amigos.	
	6. João é muito inteligente. Estuda bastante. Fala e escreve com elegância. É líder. Usa seus potenciais para dominar as pessoas e usá-las para seus objetivos, nem sempre honestos.	
	7. Lurdes, sempre que pode está na Casa Espírita. Lá é muito querida. Mas em casa é detestada porque trata seus familiares a todos, como se fosse "superior".	

Observações: Os casos listados são sugestões. O evangelizador pode criar outros.

O tempo da aula pode não ser suficiente para a análise e avaliação dos sete casos. Poderá selecionar um ou mais casos.